

# ESCÂNDALO, DOCE ESCÂNDALO

*A mídia e a sua constante guerra para destruir os limites entre o público e o privado*

Por Beatriz Pagamisse,  
Letícia Zivieri  
e Nathália Barbosa

“O homem tem essa necessidade de se espelhar em algo maior e melhor que ele próprio. (...) Primeiro foram os deuses e, nos tempos modernos, as celebridades” afirma em entrevista ao **Contraponto** Ricardo Lima, editor do site Tudo em Geral. Talvez por isso, escândalos midiáticos se tornaram cada vez mais frequentes, sejam eles ligados a políticos, figuras públicas e do meio artístico ou até indivíduos que se manifestam através da mídia para disseminar alguma opinião e acabam atraindo a atenção de todos. Contudo, nenhum deles ganha mais espaço do que os que envolvem as tais “celebridades”, pessoas comuns, como qualquer um de nós, porém montados pela sociedade para tornarem-se protagonistas de uma verdadeira novela chamada “vida”.

Como exemplo, podemos citar a polêmica entrevista da cantora Sandy Leah Lima à revista *Playboy*, famosa por conter um misto de imagens, entrevistas, e matérias sobre assuntos picantes. Na edição em questão, a moça afirmou que “de uma forma geral, (...) é possível ter prazer anal. Sim, porque é fisiológico. Não é todo mundo. Deve ser a minoria que gosta”. A ex-integrante da dupla *Sandy&Junior* sempre foi conhecida por ser uma garota aparentemente ingênua e intocável, e essa imagem vem se quebrando desde o momento em que concordou em ser a garota propaganda da cerveja “Devassa”. Por isso, qualquer publicação a seu respeito gera muita curiosidade por parte do público, principalmente quando se trata de assuntos tabus. Não é inocentemente que uma frase é colocada fora de contexto, a intenção é mesmo causar impacto, “o próprio editor da *Playboy*, Edson Aran, assumiu que escolheu a frase para causar polêmica e chamar atenção para a sua publicação” lembra Ricardo Lima. Ao lermos “é possível ter prazer anal”, frase estampada na capa da revista, logo somos levados a pensar que a pessoa que fez a declaração muito provavelmente já tenha praticado o ato.

A grande imprensa é a principal condutora deste espetáculo. Criada no século XIX com a chegada da família real ao Brasil facilitou a circulação de jornais pelas províncias. Surgiu com o papel de não apenas registrar os fatos, mas também comentar, interagir e fazer parte do desenvolvimento humano através dos tempos. No século seguinte já era nomeada como amiga ou inimiga. A imprensa amiga seria aquela que se concentrasse apenas nos seus objetivos originais exercendo uma espécie de manutenção do bem-estar social. Ao contrário, a imprensa inimiga, estaria ligada ao seu envolvimento em questões políticas, no qual adotaria uma posição crítica em relação ao poder e aos que o detêm. Em termos gerais, seria a manifestação dos pensadores, dos opositores ao governo. Afinal, o pensador torna-se um ser perigoso, ameaçador.

As ideologias deste tempo reverberaram, no começo, de forma tímida, porém ganharam



**Lady Di: O caso mais conhecido de abuso da imprensa foi a perseguição à vida de Lady Diana, que terminou em tragédia**



**BBB logo: O programa Big Brother Brasil ilustra o novo fascínio ao Reality Show**

“A FAMA, A PROMESSA DE UMA VIDA GLAMOUROSA E CHEIA DE FACILIDADES, SEDUZ ATÉ O MAIS SIMPLES MORTAL QUE FAZ DE TUDO PARA CONSEGUIR ISSO”

(RICARDO LIMA)



**Capa da revista Playboy: “é possível ter prazer anal”**

força com a chegada do século XXI, na qual notícias viraram mercadoria e a voz dos até então pensadores foi deixada de lado. “A imprensa está cada vez mais voltada para o lucro. No caso da TV, quanto mais lbope, mais cara é a tabela do comercial. A TV Cultura que ainda poderia ser uma exceção está sucateada e não consegue sobreviver sem ajuda do Governo” informa Edison Castro, jornalista e coordenador da Rede Record.

Neste contexto, o importante é vender. Nada melhor, portanto, do que oferecer aos olhos daqueles que almejam esse *glamour* uma maneira de estar por dentro da vida alheia. Em especial a de pessoas públicas, que aproveitam a mídia para se autopromover. O público se sente cada vez mais próximo desta realidade e, assim, revistas, sites e programas de fofocas ganham cada vez mais espaço. “O interesse pela vida das celebridades vem desde o surgimento da imprensa marrom na Eu-

ropa, no século passado. Quando os estúdios começaram a ver que a vida de seus atores interessava às pessoas, passaram a explorar também esse aspecto da fama, (...) por mais distante que os famosos pareçam ser, eles se aproximam das pessoas comuns nas falhas, no cotidiano. Como esse tipo de pauta vende, elas ganham destaque. É um ciclo.”, observa Angelica Bito, editora do canal de vídeos do portal MSN. Já para a jornalista Débora Coneglian, responsável pelo setor de comunicação da empresa Acervo Comunicação esse quadro se configura como tal porque “ninguém quer olhar para o próprio umbigo, ver os próprios defeitos para ser alguém melhor dia após dia, ajudar a humanidade ou se realinhar emocionalmente. Nesse ponto, parece que a vida alheia é muito interessante, sempre. A fofoca sempre foi algo rápido, divertido, quente, em qualquer lugar, cidade ou classe social”.

**A internet** – Os tempos mudaram e o papel foi substituído pelo computador, a internet assumiu um lugar primordial na vida do ser humano e jornais passaram a ser consultados por esse meio. *Blogueiros* tornaram-se jornalistas e as notícias começaram a viajar em tempo recorde. Hoje em dia, não é o bastante saber quem ganhou qual prêmio, ou que filme fulano estreará. É preciso saber mais, quebrar limites e adentrar na vida de quem conhecemos somente por trás das telas. “A internet chama a atenção por ser, de certa forma, muito mais democrática do que os veículos de comunicação de um modo geral, hoje qualquer um pode postar um vídeo ou texto praticamente sem custo algum”, afirma o psicanalista Cesar Galves Mangini.

Decerto, polêmica nenhuma se move de vagar na internet, principalmente com todos os mecanismos de buscas, downloads e hospedagens de vídeos. Sem ela, o caso Cicarelli, por exemplo, seria esquecido rapidamente. Um vídeo da ex-apresentadora da MTV em momentos íntimos dentro d’água com o namorado em uma praia rodou o mundo cibernético, podendo ser visto até hoje (mais de cinco anos depois do ocorrido). No entanto, por se tratar de uma pessoa pública que faz uso da sua imagem como forma de trabalho a questão do limite da invasão da privacidade é mais delicada. Há quem entenda que as “celebridades”

não possuem o mesmo nível de privacidade que os cidadãos anônimos, justamente por usarem a exposição da sua imagem para “ganhar a vida”. Porém, para certos juízes a privacidade é inviolável, assim como diz o artigo 5º, inciso X da Constituição Federal: “São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurando o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. Essa foi a interpretação que prevaleceu na decisão judicial de condenar o YouTube por divulgar o vídeo.

Para Ricardo Lima, esse é o papel do jornalista de celebridades, “informar o que as celebridades andam fazendo”, entretanto, casos como esse são frequentes – pessoas que se expõem na mídia por vontade própria, seja como forma de trabalho ou apenas para obter seus “quinze minutos de fama” e que posteriormente sentem-se agredidos pela constante vigilância do público e dos paparazzi. “Há que se ter em mente que, quando se é uma pessoa pública, você está sujeito a ser seguida por fotógrafos que querem saber da sua vida. Daí uma necessidade de se tomar cuidado com o que faz”, complementa. Assim, não há como impedir que cenas “corriqueiras” assim transformem-se em uma grande discussão, afinal, de acordo com Edison Castro, “depois que inventaram telefone celular que fotografa, adeus privacidade”.

Isso não significa que a imprensa sensacionalista não tenha sua parcela de culpa. Veja, por exemplo, o caso da ex-estudante de turismo da Uniban, Geisy Arruda, que foi ofendida pelas colegas por usar um vestido curto e teve que ser escoltada ao sair da aula. A pressão foi tamanha, que a faculdade acabou expulsando a moça. A Uniban retratou-se alguns dias depois, mas a história já tinha vazado e Geisy Arruda já era um nome conhecido.

“Acho que a mídia não ‘investigou’ a fundo a história. É óbvio que existe algo a mais aí. Acho que contar a história da Geisy e divulgar o fato é uma obrigação da imprensa, já que é um caso que teve repercussões gigantescas. Alçar Geisy ao patamar de celebridade, ridículo. Ela não tem nada para estar aonde está. Mas é muito esportiva, soube aproveitar-se, belíssima, de um tapa que a vida lhe deu. Ficou ‘famosa’, ganhou grana e conseguiu dar uma volta na vida.”, explica Ricardo Lima. Já para Edison Castro, “a mídia contou o que aconteceu. Esperava-se uma luta em defesa dos direitos da mulher. Não aconteceu nada disso. Quem explorou de forma oportunista foi a própria Geisy. Procurou a Record, na época, e acertou uma entrevista com o Geraldo Luis. Tudo rolando grana e fama, se é que pode-se chamar isso de fama.”

Um assunto que sempre vem à pauta ao abordar esse tema são as redes sociais. Depois de sua invenção, as pessoas deram adeus à sua privacidade. Tudo foi parar na internet: fotos, dados pessoais, sua rotina. Há muito tempo sites de relacionamento deixaram de ser coadjuvantes e tornaram-se protagonistas na vida das pessoas. De acordo com Angelica Bitto, “a internet só deu espaço para que não somente a imprensa alimentasse a vaidade das pessoas por meio da exposição; agora, cada um pode se expor e sentir-se famoso (...) por si só, por meio da internet. É o tal lado traiçoeiro da democratização da informação”.

Vimos a popularização dos *vlogs* ou vídeos blogs, nos quais pessoas comentam situações do dia-a-dia. Um exemplo marcante desse crescimento é a fama adquirida pelos *vlogueiros* Felipe Neto e PC Siqueira. Os canais do YouTube “Não faz sentido” e “Mas Poxa Vida”, de Neto e Siqueira, respectivamente, vêm recebendo cada vez mais visualizações depois que seus donos assinaram contrato com grandes emissoras de televisão e participaram de comerciais.

Além disso, no Twitter, perfis de celebridades são criados a toda hora sob o pretexto de se aproximarem dos fãs, mas que na verdade configuram-se uma barata e rápida forma de autopromoção. Afinal, as carreiras dessas pessoas são construídas pela imagem transmitida pela mídia. Ninguém quer ser chamando de antipático e antissocial pelos fãs. “A fama, a promessa de uma vida glamourosa e cheia de facilidades, seduz até o mais simples mortal que faz de tudo para conseguir isso. (...) Vivemos um tempo onde é muito fácil se tornar um dos olímpicos que tanto admiramos. É perigoso porque a maioria das pessoas que se expõem na internet não faz ideia da dimensão que isso tem ou dos estragos que isso pode causar. Por exemplo, a maioria das pessoas não se preocupa com o que escreve nas redes sociais e nem tem em mente que a maioria das empresas, hoje, verifica os perfis dos candidatos a vagas de emprego como parte do processo seletivo. Existe uma ideia de que a internet é um território livre, onde se pode ser o que quiser; mas a realidade é que o que somos na internet é um reflexo do que somos no ‘mundo real’.”, explica Ricardo Lima.

## Entrevista: Trecho da entrevista da Sandy à revista Playboy

**ENTREVISTA**

### Sandy

*Uma conversa franca com uma das cantoras mais desejadas do Brasil sobre a fama de boa moça, sua habilidade no striptease, a masculinidade do irmão Junior, blog durante a lua de mel e a possibilidade do prazer anal*

**A** cantora Sandy Leal Lima chega ao hotel Vitória, um dos mais sofisticados de Campinas, ao volante de seu Volvo XC60 prata. Alguns metros atrás, em outro carro, dois seguranças a vigiam discretamente. Eles ficam na calçada quando a cantora adentra o hall do hotel. À despeito de ser 1,88 metro de altura e seus seios a quilos, Sandy vira alvo das atenções. Maquiada e pensada, de salto alto, calça de couro marrom justa e casquinho florido, ela pega o elevador para chegar a uma das maiores suítes do hotel. Ninguém poderia imaginar que ali, entre quatro paredes, ela seria fotografada para a Playboy. Mas, infelizmente, não do jeito como o leitor gostaria de vê-

la. No entanto, acredite, ela se desmoldou muito mais falando do que faria se estivesse posando.

Tão logo se senta na poltrona reservada a ela, Sandy dirige-se ao fotógrafo Omar Palato mostrando o lado esquerdo da face. “Este é o meu melhor ângulo”, sugere. Ela está inconsciente: não quer que, como é praxe nas entrevistas da Playboy, as fotos sejam feitas durante a conversa. “Eu fico travada”, explica. Preocupada com sua imagem, Sandy chega em dado momento a levantar-se da cadeira para melhor posicionar o tripé com a câmera. “Em alguns ângulos eu fico goza”, justifica. Durante o bate-papo, ela ainda tira ao banheiro, carregando uma maletinha metálica, para retocar a maquiagem. Em outras ocasiões, sacaria um gloss para pintar os lábios. São atitudes que revelam a vaidade de quem, em determinado momento, é taxativa: “Não me acho bonita como dizem”.

Na primeira sessão, Sandy parece, de fato, tensa. Posicionada no único espaço com fundo neutro do quarto (condição exigida para as fotos da reportagem) e tendo diante de si a editora Adriana Nogueira e a repórter Camilla Gomes, ela se porta como se fosse alvo de um interrogatório em uma delegacia de polícia. Para tornar a situação mais confortável, a conversa é acompanhada por sua assessora de imprensa e por uma camareira, que, fascinada diante da figura

de meu, meu marido Lucas postou no blog dele. Afinal, o que aconteceu ali? A postagem foi em comum acordo comigo. As pessoas nos cobraram muito por não ter exposto nada do casamento. Caso não tenham percebido, era um direito nosso. A gente não queria revelar detalhes sobre o casamento porque é uma das coisas mais pessoais da vida de alguém. Queríamos nos preservar. Mas notamos que os fãs começaram a ficar chatoados, acharam que estávamos sendo arrogantes. Então, depois que casamos, resolvemos que daríamos uma satisfação e queríamos fazer isso da maneira mais rápida possível. Quando chegamos ao hotel, antes que eu conseguisse sol-

huja a minha roupa se você não conhece? Você tem de saber mais sobre isso do que ele.

**A culpa estética não atrapalha nessa hora? Que nada! Isso é muito antigo. Pelo que percebo, quando converso com as minhas amigas, existe preocupação. E eu acho um preconceito completamente sem sentido, bobo. Por que mulher não pode se masturbar? Quem tem mais intimidade com o seu corpo do que você mesmo? Por que não se masturbar? Eu acho válido, completamente.**

**Uma frase famosa de Woody Allen defende que sexo bom é sexo sujo. Você concorda com ele? Na verdade, não tem como ser muito limpinho, né? Se for pensar bem, no beijo você já troca bactérias da saliva. Mas é ridículo pensar... Na hora a gente não pensa nessas coisas. Não tem como ser 100% asséptico, aquela coisa limpinhíssima.**

**Dizem que mulheres não gostam de sexo anal. Você concorda com isso? Totalmente. Não tem como não responder. Isso sem entrar numa questão pessoal. Mas falando de uma forma geral, eu acho que preferem fazer anal, sim, porque é fisiológico. Não é todo mundo. Deve ser a minoria que gosta.**

**Uma minoria na qual você se inschia? Não vou dizer. Essa é uma pergunta que me faria pôr em prática minhas aulas de boxe jiu-jú.**

**Lucas Pivovani disse à Playboy que mulheres de bonema já bruxaram com ela. E com você? Acho que isso acontece mais com quem faz sexo casual. Eu não ligaria se acontecesse, acho que é normal. Gente, temos sentimentos! Corre sangue por essas veias. Não acho que seria um grande problema. Eu lidaria bem com essa situação.**

**Sandy, isso que dizer que você nunca teve de enfrentar essa situação? Não, mesmo.**

**Parabéns! Não tenho absolutamente nada do que reclamar do meu marido.**

**Um fato que tomou enorme proporção foi quando, na primeira noite de**

**“Falando de uma forma geral, eu acho possível ter prazer anal, sim, porque é fisiológico. Não é todo mundo. Deve ser a minoria que gosta”**

tar todos os grampos do meu cabelo, ele foi lá e postou no blog. Era um grampo e um aplique! Zostaram porque quiseram. Isso não tem absolutamente nada de mais.

**É de imaginar que, ao chegar ao quarto do hotel, os recém-casados estejam avidos por intimidade... Gente... Pra quem dançou a noite inteira? Chegou ao hotel lá e dá a manha. Quería tomar um banho, descansar, tirar os grampos que estavam incomodando. Sabe aquele momento em que ainda estão subindo as mala? Levou 3 segundos a postagem. E muita hipocrisia as pessoas acharem que isso subtrairia uma noite de sexo que meu marido poderia ter comigo. Foi uma**

Se as mulheres não se masturbam, deveriam. Temos de conhecer nosso corpo antes de querer que os nossos parceiros conheçam. Por que não exercer isso? Eu acho completamente válido

Sou boa em striptease. What? Lulu Wuntz é uma música perfeita para isso. Também adoro lingerie, principalmente pretas. Tenho tudo quanto é tipo que você possa imaginar, até as mais ousadas

O instinto sexual do homem é esse. Ele não nasceu para ficar com uma mulher só. Homem gosta de variedade. Macaco é assim, porco é assim, cachorro é assim. As mulheres nasceram para ser mães

Reprodução

## Baseado em fatos reais?

A mania televisiva do século XXI é o Reality Show. É prazeroso de alguma maneira ver pessoas vivendo em uma casa fechada, ou competindo por um prêmio, ou a vida de senhoras da elite norte-americana (talvez mais do que tramas escritas). A prática desse voyeurismo cresce num ritmo acelerado, atraindo cada vez mais o público não só para assistir, como também para se expor. Um exemplo disso é o conhecido Big Brother, que em sua décima segunda edição mantém o recorde de inscrições de programas. “De um modo geral, acho que as pessoas participam mais pela divulgação da própria imagem. Quem se inscreve, realmente quer aparecer” informa o ex-integrante do programa Hipertensão (exibido na Rede Globo), Danilo França.

O canal americano MTV com certeza é o campeão na produção desse tipo de programa. Quase 70% da programação é composta por realitys, de temas variados: vão de estudantes universitários em uma casa de praia a histórias de vidas de adolescentes grávidas. Câmeras invadem o perímetro pessoal e encontram assuntos que alguns anos antes eram considerados inapropriados até para conversas em família. O psicanalista, Cesar Galves, completa: “Não se trata simplesmente de vivermos numa Sociedade do Espetáculo, mas sim na sociedade do Reality Show, onde realidade e ficção se misturam. Combinação ideal para a utilização dos mecanismos de defesas citados anteriormente”. Não há mais limites: o novo delírio é ver a mídia abusar de sua posição.